

**O MITO DE LUGAR NA
PERSPECTIVA DE LUGAR E
PAISAGEM NARRADA NA
OBRA “SAGA DA
ESPERANÇA: SOCIALISMO
UTÓPICO À BEIRA DO IVAÍ”,
UMA INTERFACE ENTRE A
GEOGRAFIA E A
LITERATURA**

*THE MYTH OF PLACE IN THE
PERSPECTIVE OF PLACE AND
LANDSCAPE NARRATED IN THE
WORK: "UTOPIAN SOCIALISM ON
THE BANKS OF THE IVAÍ", AN
INTERFACE BETWEEN
GEOGRAPHY AND LITERATURE*

*EL MITO DEL LUGAR EN LA
PERSPECTIVA DEL LUGAR Y
PAISAJE NARRADO EN LA OBRA:
"SOCIALISMO UTÓPICO A ORILLAS
DEL IVAÍ", UNA INTERFAZ ENTRE
GEOGRAFÍA Y LITERATURA*

Brunna Adla Ferreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa
(UEPG),
E-mail: adlabrunna@gmail.com

Almir Nabozny
Universidade Estadual de Ponta Grossa
(UEPG),
E-mail almirnabozny@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho visa apresentar uma leitura na interface entre a Geografia e a Literatura da obra “Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” de Josué Corrêa Fernandes. A fonte é um texto ficcional no qual a narrativa é inspirada no sujeito histórico de Jean-Maurice Faivre (1795-1858) e do lugar histórico, o distrito de Tereza Cristina, localizado no norte do estado do Paraná. Assim, o objetivo é explorar um caminho entre a Geografia e a Literatura, através de uma obra e um autor não “canônico” no campo da literatura brasileira. Desse modo, observou-se como o mito de lugar (Shields, 1991) se estabelece nas paisagens e lugares narrados, entendendo que a leitura destaca a literatura como uma forma de pensar promovida pelo imaginário que complexifica a consciência geográfica do sujeito leitor.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Mito de Lugar; Ficção.

Abstract:

This paper aims to present a reading at the interface between Geography and Literature of the work "Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí" by Josué Corrêa Fernandes. The source is a fictional text in which the narrative is inspired by the historical figure Jean-Maurice Faivre (1795-1858) and the historical place, the district of Tereza Cristina, located in the north of the state of Paraná. Thus, the aim is to explore a path between Geography and Literature, through a work and an author that are not "canonical" in the field of Brazilian literature. In this way, we observed how the myth of place (Shields, 1991) is established in the landscapes and places narrated, understanding that the reading highlights literature as a way of thinking promoted by the imaginary that complexifies the reader's geographical awareness.

Keywords: Geography; Literature; Place-Myth; Fiction.

Resumen:

El objetivo de este trabajo es presentar una lectura en la interfaz entre Geografía y Literatura de la obra "Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí" de Josué Corrêa Fernandes. La fuente es un texto de ficción en el que la narración se inspira en el sujeto histórico Jean-Maurice Faivre (1795-1858) y en el lugar histórico, el distrito de Tereza Cristina, situado al norte del estado de Paraná. Así, el objetivo es explorar un camino entre Geografía y Literatura, a través de una obra y un autor que no son "canónicos" en el campo de la literatura brasileña. De este modo, se observó cómo el mito del lugar (Shields, 1991) se establece en los paisajes y lugares narrados, entendiéndose que la lectura destaca la literatura como una forma de pensar promovida por el imaginario que complejiza la conciencia geográfica de los lectores.

Palabras-clave: Geografía; Literatura; Mito de lugar; Ficción.

Introdução

A ciência é a arte, interpretando o que muitos denominam realidade, de sempre rearranjar informações – elas mesmas, um produto da criação – que permitem construir o desenho do mundo, das coisas e dos seres, das suas complexas relações e dos seus lugares. (Hissa 2002. p.14).

O presente trabalho visa ampliar o diálogo da Geografia com o campo da Literatura, a partir da obra “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí”, do escritor Josué Corrêa Fernandes, natural do município de Prudentópolis-PR.

Na obra, Fernandes (2006) narra em terceira pessoa, a construção da ideia do processo de criação da colônia utópica Tereza Cristina (século XIX), centrado e inspirado no sujeito histórico Jean-Maurice Faivre, a narrativa apresenta a intenção de uma união entre história, mito, ficção e realidade, com a proposta de contar a história desde a origem de seu personagem – na França –, surgimento de projetos paralelos, como a criação da Academia Nacional de Medicina Brasileira, sua vivência em outros lugares do país como médico, o retorno a França para trazer conterrâneos que acreditassem em seu sonho de fundar uma colônia com mão de obra livre, até o decaimento da mesma, após seu falecimento.

A ideia de sujeito parte da sua relação com o espaço, território e o lugar, que caminha para uma interdisciplinaridade (Savério Spósito; Silva, 2021). Perceber, portanto, o sujeito leitor e histórico consiste em sua conexão com o lugar narrado na obra de Fernandes (2006), uma vez que ele irá construir novas experiências/interpretações, pois “é a experiência dos sujeitos que dá existência aos lugares” (Savério Spósito; Silva, 2021, p. 179). Por

fim, o termo histórico pressupõe a relação do sujeito com a narrativa que o torna um personagem do texto.

Para tanto, entender a relação entre duas áreas consolidadas do conhecimento como a Geografia e a Literatura é deveras desafiadora, pois essa ligação entre áreas “são dois discursos postos a discutir em um processo interdiscursivo não hierárquico¹” (Marques, 2014, p. 19). Compreende-se então, a literatura como um instrumento de apoio para o estudo e o conhecimento geográfico (Holzer, 2020).

Se Suzuki (2010) destacou a relação entre Geografia e Literatura como uma forma de ampliar uma leitura geográfica estrutural e quantitativa, outros autores mencionam a Literatura como uma fonte de experiência concreta da realidade geográfica, entre outros aspectos. Em paralelo, e como uma espécie de cenário, pode-se destacar a atividade de leitura enquanto primordial na constante formação profissional do geógrafo e da geógrafa.

Dessa maneira, o objetivo é o de explorar os interstícios entre a Geografia e a Literatura, através de uma obra e um autor não estabelecido como “canônico” no campo da literatura brasileira, buscando entender como se institui fundamentalmente o conceito de mito de lugar por meio da leitura da produção que narra a epopeia do personagem principal de Fernandes (2006), o médico francês, Jean-Maurice Faivre.

Portanto, o trabalho em tela, apresenta a proposta de compreensão da obra de Josué Corrêa Fernandes, a partir do conceito de Rob Shields (1991), chamado de *place-myth* (mito de

1 Entende-se por este processo, a promoção de um diálogo entre a Geografia e a Literatura que se dá inicialmente na leitura da obra e posteriormente na escrita do presente texto, em que os “campos de conhecimentos” são promovidos sem hierarquias ou ordens.

lugar), fazendo menção ao lugar imaginado de Fernandes (2006), explicitando dois momentos, através de pares dialéticos: o mito de lugar enquanto conceito, com relação ao lugar ficcional da obra, e o mito de lugar na paisagem imaginada na leitura da narrativa.

O Mito de Lugar como conceito

Rob Shields (1991) considera o mito de lugar como um agrupamento de imagens de um determinado lugar. Portanto, pensa-se aqui em um lugar ficcional, lugar este criado na obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), inspirado em um lugar histórico. Conforme Shields (1991), a criação do mito de lugar irá se caracterizar a partir de 3 processos (entende-se também a possibilidade de diversas interpretações de cada sujeito leitor da obra aqui tratada).

O primeiro processo é destacado por Shields (1991) como “simplificação” e utiliza-se para o entendimento de uma “memória fotográfica”, em que ao ler sobre o lugar imaginado o leitor faz uma relação a outros lugares já lidos e/ou vividos. Ou seja, existe a busca de assimilar o que já lhe é conhecido para compreender de maneira mais “rápida” o lugar imaginado em uma primeira instância, pois a partir dos processos seguintes a ideia caminha para uma etapa de amadurecimento, sendo através de muitas leituras onde enfim se cria uma nova ideia.

Pinto (2004) frisa a importância do leitor, um “leitor sábio” que vai para além do entendimento da obra, carregando consigo a fixação do lido e assim sua utilização, seja em novos textos ou para compreensão de um devaneio.

Enquanto que o segundo passo é exposto como “construção de estereótipos” e caracteriza-se pelas lembranças que são

guardadas mediante ao primeiro processo, no sentido de que neste momento o leitor consegue descrever e não obstante entender o lugar, trazendo dessa maneira, novas possibilidades: “[...] a leitura instala o lugar da crítica e cria condição para a existência da história, a volúvel história, com seus caprichos e oscilações de interpretação, com sua vocação crítica” (Pinto, 2004, p. 36).

As possibilidades identificadas e/ou criadas pelo leitor são para entender o lugar da obra como um lugar ficcional, desvinculando-se dessa maneira do lugar o qual foi inspiração para Fernandes (2006). A leitura ocupa assim, um lugar de identificação de construção, a partir da bagagem que o sujeito leitor traz da simplificação.

Ao passo que o terceiro ponto apresentado por Shields (1991) é colocado como ‘atribuição de rótulos’, pelo qual se entende que o leitor já construiu uma definição para o lugar experienciado a partir da leitura da obra de Fernandes (2006), assim, este processo tem como intenção “finalizar” o conceito, no qual o lugar ficcional da obra já é compreendido e seu ponto principal a partir desse entendimento é definir o lugar imaginado como um resultado de tudo que se analisou no decorrer dos processos para alcançar a interpretação do conceito tratado por Shields (1991).

O autor ainda afirma que esse conceito é passível de modificações, sobretudo quando se trata de um lugar histórico. Contudo, sabendo que a presente pesquisa aborda em seu todo um lugar imaginado, entende-se que a obra de Fernandes (2006) teve e terá novos leitores e assim novos olhares e possibilidades, portanto, sua perspectiva em mudar pode acontecer mesmo tratando-se de um lugar construído, ficcional.

Nesse ínterim, envolve-se no diálogo o lugar enquanto conceito geográfico, trazendo o olhar de Tuan (1983), um lugar com sentido de pertencimento e identidade a partir do espaço, e quando se trata de um lugar imaginado, procura-se também o sentimento de estar ligado de alguma maneira àquela representação na obra.

Tuan (1983, p. 179-180), afirma que o lugar pode ser definido de várias maneiras. Dentre elas esta: “lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”, além de que “uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”, pois “a arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas”, sendo assim “lugar é construído a partir da experiência” (Tuan, 2015, p. 06). Contudo, a experiência de lugar conforme a citação pode estar atrelada de forma direta ao autor da obra que estamos debatendo, bem como, ao personagem e sujeito histórico. Nesse caso, o nosso argumento se expande para a ideia do processo de leitura do texto ficcional como uma experiência de lugar que se forma por (e com) meio do imaginário geográfico dos leitores.

Dessa maneira, ao se pensar em lugar, pensamos em símbolos, pois “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual” (Tuan, 1983, p. 07). No caso do lugar imaginado da obra de Fernandes (2006), o conhecer se torna conceitual pela construção que se estabelece a partir do conceito de Shields (1991).

Rogério Haesbaert (1997, p. 24), afirma:

Como se sabe, os signos, representações ou substitutos da realidade concreta, podem se estender desde o extremo de uma reprodução direta e “literal” das coisas e fenômenos, como palavras que tenham um sentido, diretamente vinculado a uma “realidade”, até a pura invenção

(o “imaginário radical” a que se refere Castoriadis), com um significado abstrato e subjetivo que pertence ao reino dos sonhos e/ou da imaginação e que, por ausência de um código padronizado, está aberto a todo tipo de interpretação, sugerindo as mais diversas imagens.

Surge assim a ponte necessária para a inserção do objeto de pesquisa nesse diálogo: conhecer conceitualmente o lugar criado por Josué Corrêa Fernandes (2006), o qual desperta no sujeito leitor o imaginário e as imagens acerca deste mesmo lugar ficcional, desse modo, pensando na experiência com o lugar, “ver e pensar são processos intimamente relacionados” (Tuan, 1983, p. 11).

No lugar conceitual/imaginado de Fernandes (2006), o avanço das imagens construídas pelos leitores da obra só irá acontecer em áreas de trocas, de diálogo com sujeitos que já construíram um mito de lugar a respeito deste lugar ficcional, em uma Geografia de lugar nenhum, como afirma Maria Lúcia de Amorim Soares (2010), uma vez que cada leitura e interpretação é suficiente para criar novas ideias a respeito do lugar imaginado, pois
“a função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive as de lugar” (Tuan, 2015, p. 203). Tuan (2015, p. 172) continua:

As experiências íntimas fazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas conhecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas.

Portanto, o mito de lugar se constrói através das percepções do sujeito leitor da obra, seja ele um leitor que está

buscando respostas no desenvolvimento de um trabalho científico, ou um leitor que está conhecendo novos limiares da literatura. Como afirma Sarmiento (2004, p. 46-47):

A imagem que um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos possuem sobre um lugar ou paisagem é assim construída através da soma de crenças, ideias e impressões que ele ou ela têm acerca de um lugar ou paisagem em particular.

Assim, o mito permeia o ideal estabelecido por Ferreira-Santos e Almeida (2020), onde pode ser compreendido como uma forma de conhecimento, constituído através de narrativas simbólicas, e que se relaciona a narrativa de Fernandes (2006), voltada à forma como o autor se expressa, dando abertura à percepção dos símbolos.

Portanto, pode-se pensar no que Iser (1993) trata como texto ficcional. Ao trabalhar o estudo de imaginários dentro da Geografia, entende-se que são trabalhos e pesquisas novas nesse âmbito, pois de acordo com Ferreira-Santos; Almeida (2020, p. 44):

[...] sua total indiferença à tentativa humana de compreendê-lo, não nos impede, no entanto, de organizá-lo, de datá-lo de sentidos, de buscar compreendê-lo. É o que realiza o imaginário. Sua função eufemizadora possibilita que nos situemos no real, ao organizá-lo imaginariamente por meio de narrativas simbólicas.

Além disso, “os lugares nos falam de enraizamento, do pitoresco, do exotismo” (Claval, 2014, p. 231). Nesse sentido, dá-se experiência ao lugar, pois a partir da leitura da história criamos novas tramas, novas imagens e possibilidades dentro da ciência geográfica. Em outros termos, o mundo do livro habitado pelas

palavras também passa a constituir a geografia dos leitores da obra permeada por uma leitura mítica do lugar de Faivre fundado por Fernandes (2006).

Partindo desse breve diálogo, Shields (1991) ainda expõem sobre a ascensão e queda das imagens de um determinado lugar, que acontece “through the record of the number of the people who visited it and a knowledge of what activities people engaged in When They were there” (p. 47).

Assim, o lugar imaginado construído por Josué Corrêa Fernandes (2006) pode assemelhar-se ao espaço mítico discutido por Tuan (2015), na obra “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”, uma vez que os mundos criados a partir da ficção são engendrados pela vontade do autor, sendo uma produção intelectual de acordo com Tuan (2015), uma resposta ao sentimento de imaginação.

Desse modo, a imaginação segue criando novas imagens com relação aos lugares, ou seja, à medida que o leitor se aprofunda na obra, novos sentidos de imaginação se aguçam, pois a mutabilidade dos processos geográficos do mito de lugar torna-se possível no movimento da literatura.

Para além desta possibilidade de mudança, a partir do ato de imaginar, ela pode ocorrer também de maneira “inversa”, uma vez que a falta de acesso à literatura de Fernandes (2006) apresenta. Contudo, o sentimento de imaginação não fica de fora, pois “a memória passa a assumir um papel político, configurando um discurso orientador ao lado da história” (Duran; Bentivoglio, 2013, p. 220), além de que “há que se notar que é na memória que

2 Por meio do registro do número de pessoas que o visitaram e do conhecimento das atividades em que as pessoas se envolveram quando estiveram lá (SHIELDS, 1991, p. 47, tradução nossa).

se efetiva uma reconciliação do instante com a duração, que a memória recria o real e o vivido” (Duran; Bentivoglio, 2013, p. 220). Entretanto, a construção de sentidos em relação à memória e imaginários e das imagens sobre o lugar pode ser afetada.

Isso relaciona-se diretamente com o que Tuan (1983) afirma a respeito de lugares com pouca notoriedade visual, mas que em alguma medida são importantes para determinados indivíduos, pois “these images connected with a place may even come to be held as signifiers of its essential character³” (Shields, 1991, p. 47).

Portanto, entende-se que além do “mito de lugar” ser esse agrupamento de imagens específicas, ele é também uma variante, por assim dizer, do conceito de Lugar, comumente trabalhado na Geografia e com um grande espaço para a discutibilidade. E Shields (1991) quer justamente demonstrar que a mudança dos lugares altera também as imagens a respeito do lugar, claro que em um ritmo diferente.

A constância com que esse processo ocorre pode ser comparada para com um processo de movimentos de massa em uma encosta, por exemplo, a qual gera uma alteração na paisagem considerada rápida, porém, a imagem acerca do lugar que sofre com esse evento demora se reconstruir, na medida que cada indivíduo que carrega consigo essa imagem, passa pelo lugar ou até mesmo ouve sobre a ocorrência. É nesse processo que novas imagens e um novo imaginário se remonta no intuito de continuar a demonstrar seu valor simbólico para um determinado grupo de sujeitos.

Após estabelecido essa nova mudança, Shields (1991) fala acerca das “metáforas mortas”, que são essas imagens passadas dos

3 Essas imagens relacionadas a um lugar podem até ser consideradas significantes de seu caráter essencial (Shields, 1991, p. 47, tradução nossa).

lugares, que podem ser “invented, disseminated, and become accepted in common parlance⁴” (p. 61). E Shields (1991, p. 62):

Place and space myths are united into a system by their relative differences from one another even while they achieve their unique identities by being ‘set-off’ against one another⁵.

Nesse sentido, caminha-se para entender como a literatura de Josué Corrêa Fernandes (2006) ensaia um pensamento de mito de lugar, a partir de um mundo imaginário. Pois, ora “even When the characteristics of a place change so radically that one would expect a change in the place-myth, this does not Always take place⁶” (SHIELDS, 1991, p. 256). Shields (1991, p. 61) continua afirmando que:

[...] There is both constancy and a shifting quality to this model of a place or space myths as the core change slowly over time, are displaced by radical changes in the nature of a place [...].⁷

Sendo assim, a relação com o conceito de Shields (1991) é possível, entendendo que dentro do panorama exposto, a narrativa

4 Inventado, disseminado e aceito na linguagem comum (Shields, 1991, p. 61, tradução nossa).

5 Os mitos do lugar e do espaço são unidos em um sistema por suas diferenças relativas entre si, mesmo que, em branco, eles alcancem suas identidades exclusivas ao serem “colocados” uns contra os outros (Shields, 1991, p. 62, tradução nossa).

6 Mesmo quando as características de um lugar mudam tão radicalmente que seria de se esperar uma mudança no mito do lugar, isso nem sempre acontece (Shields, 1991, p. 256, tradução nossa).

7 Há uma constância e uma qualidade mutável nesse modelo de mitos de um lugar ou espaço, pois o núcleo muda lentamente com o tempo e é deslocado por mudanças radicais na natureza de um lugar (Shields, 1991, p. 61, tradução nossa).

ficcional e o lugar imaginado de Josué Corrêa Fernandes (2006), podem se dispor ou não de mudanças de perspectivas e/ou interpretações vindas do sujeito leitor.

Mito de lugar e a relação com a paisagem na narrativa

Tal qual os estudos de Literatura e Geografia, Corrêa (2012) afirma que a paisagem tem sido um conceito buscado por geógrafos para inserir em suas análises, contudo, o autor apresenta um parâmetro de que esse interesse não foi homogêneo, explicando isso a partir de três períodos.

A contar da metade do século XIX, a paisagem é interpretada por e a partir da morfologia, ou seja, de forma material, com muitos estudos realizados em um primeiro momento na Europa e logo após nos Estados Unidos, nesse período também a Geografia sofre muitas críticas (Corrêa, 2012).

Partindo de 1940 a 1970, este interesse cai por terra pensando na paisagem enquanto objeto de estudo, pois, nesse período, ocorre o final da 2ª Grande Guerra Mundial, e “a paisagem foi, neste contexto, considerada como tema do passado, sem praticidade, sendo, então, colocada em plano marginal” (Corrêa, 2012, p. 31).

Chega-se então ao período que perdura até os dias atuais, em que de acordo com Corrêa (2012), o interesse pelos estudos que envolvessem a paisagem retorna com maior relevância.

Sendo assim, entende-se a relação entre a paisagem e a literatura, que se torna mais relevante no período pós 1970 (Corrêa, 2012), trazendo a discussão do mito de lugar de Shields (1991), conduzindo um caminho para o diálogo a partir da paisagem

narrada por Fernandes (2006), fazendo com que o leitor da obra continue com o exercício de imaginar e criar imagens acerca de sua ficção.

A paisagem narrada por Josué Corrêa Fernandes (2006) irá demonstrar relações para com o espaço e lugar narrado/imaginado, sendo a paisagem uma porção desse todo geográfico. A mudança do mito de lugar com relação a imaginação fica mais compreensível no sentido de que ficará a critério do sujeito leitor novas análises.

No início da obra, por exemplo, Fernandes (2006, p. 19, grifo nosso) narra o lugar de nascimento do seu personagem Faivre:

[...] **vales** que se formam no ponto de contato dos **terrenos calcários duros com solos argilosos ou semelhantes**. Estes, menos resistentes, permanecem acumulados no fundo, enquanto que os outros se elevam em forma de **muralhas escarpadas**. Tais várzeas oferecem, de ordinário, um belo aspecto, com **transparentes lagos, cascatas espumantes e grutas embelezadas por reluzentes estalactites**.

Uma relação com o lugar histórico não conhecido pelo leitor, mas que a partir da narrativa se desenvolvem as imagens de um determinado lugar, ou o mito de lugar de Shields (1991), a partir dessas colocações de Fernandes (2006) a respeito da sua construção textual e do discurso que ele quer apresentar ao sujeito leitor, como uma forma de instigar o sentimento de imaginação. Shields (1991, p. 17) afirma:

Place-images, and our views of them, are produced historically, and are actively contested. There is no whole picture that can be 'filled in'

since the perception and filling of a gap lead to the awareness of other gaps⁸.

Através desta produção de opiniões e o surgimento de novos pontos de partida com relação ao sentimento de imaginação, o ciclo para compreender o mito de lugar constantemente se renova, pois entende-se que o prorromper de novas percepções alavancam, como afirma Shields (1991), novas lacunas para inserir nos processos de construção do conceito, uma nova simplificação, construção de estereótipos e uma nova atribuição a análise.

Sendo assim, “landscapes do not result from a unified instrumental action, but reflect different historical uses and projects⁹ [...]” (Shields, 1991, p. 24). Assim Fernandes (2006, p. 73, grifo nosso), descreve:

De dia, ainda não afeito as peculiaridades da nova terra, o grupo observava, curioso, **as bananeiras, os lírios do brejo, as alevantadas aroeiras e guamerins; encantando-se com a copada azul-violeta das quaresmeiras que se disseminavam pela escarpa.**

Os diferentes usos e projetos que Shields (1991) afirma se estabelecem também nas diferentes interpretações que o leitor tem de obras. No caso da narrativa de Fernandes (2006), a paisagem narrada se estabelece a partir da construção de estereótipos preestabelecidos por um leitor já ciente da história e para um leitor que utiliza a obra a título de curiosidade. A interpretação e por conseguinte o uso se estabelecem a partir dos três momentos do

8 As imagens de lugares e nossas visões sobre elas são produzidas historicamente e são ativamente contestadas. Não existe um quadro completo que possa ser "preenchido", pois a percepção e o preenchimento de uma lacuna levam à conscientização de outras lacunas (Shields, 1991, p. 17, tradução nossa).

9 As paisagens não resultam de uma ação instrumental unificada, mas refletem diferentes usos e projetos históricos (Shields, 1991, p. 17, tradução nossa).

mito de lugar, entendendo que as opiniões e compreensões se diferem.

As paisagens narradas por Fernandes (2006), assim como o lugar imaginado, abrem portas para o imaginário, sendo assim entende-se que diferente do que Santos (1996) afirma com relação à estaticidade da paisagem, ela pode realmente ser mutável, o exemplo está na obra “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira da Ivaí” (2006), pois seu autor toma como princípio descrever a paisagem do seu lugar imaginado tendo como inspiração um lugar histórico onde a construção das paisagens descritas e como elas se estabelecem se encaixam de maneira equilibrada em sua escritura.

Em comentários acerca da construção do Colônia, do rio Ivaí, das passagens dos personagens por lugares insossos, Fernandes (2006) deixa o sentimento de imaginação dos leitores se aflorar, “[...] em terras alterosas onde o verde dos ervais e a imponência das araucárias ainda estão presentes [...]” (Fernandes, 2006, p. 83), e continua ainda (p. 88, grifo nosso):

Do alto da cordilheira onde se encontravam, sob a luz dardejante do sol de abril que quase tomava conta do espaço anilado, podiam eles enxergar **as sinuosidades do volumoso rio, fendendo a mata cerrada e escura** com relação ao ocidente.

A manifestação da imaginação a partir da leitura das paisagens narradas por Fernandes (2006) é ideal na construção das ideias e definição de processos. Como afirma Iser (1993, p. 01):

It is perhaps to state another commonplace to point out that a piece of fiction devoid of any connection with known reality would be incomprehensible. Consequently, if we are to attempt a description of what is fictive in fiction, there is little point in clinging to the old

distinction between fiction and reality as a frame of reference. The literary text is a mixture of reality and fictions, and as such it brings about an interaction between the given and the imagined.¹⁰

Assim, a relação feita por Fernandes (2006) em sua obra tendo uma ligação/inspiração com a realidade, não é toda inviabilizada, uma vez que para construir algo a partir do imaginário torna-se importante ter referências, sobretudo referências que resistem ao espaço-tempo, como fez Josué Corrêa Fernandes (2006).

A interação entre o real e o imaginado na obra objeto principal do trabalho caminha, portanto, a partir da composição e relação entre três lacunas, a primeira, entender conceitualmente o mito de lugar (Shields, 1991), a segunda, atrelar o conceito ao lugar imaginado aprofundado por Fernandes (2006) para então trazer consigo a paisagem, a qual realiza uma interação para com o lugar, que, por sua vez, também foi inspirado a partir de uma dada realidade. E de acordo com Palhares (2020, p. 354)

O texto literário dá ao leitor possibilidades de devanear, penetrar na história de tal forma que ele é capaz de se emocionar - chorar ou sorrir - tornando real o que é imaginado, pois “imaginamos mundos em que nossa vida teria todo o seu brilho, todo o seu calor [...]” (Bachelard, 1988, p. 143). Geografias imaginadas, paisagens imaginadas pelo leitor nas quais o desejo de ser

10 Talvez seja um lugar-comum afirmar que uma peça de ficção desprovida de qualquer conexão com a realidade conhecida seria incompreensível. Consequentemente, se quisermos tentar uma descrição do que é fictício na ficção, não faz muito sentido nos apegarmos à antiga distinção entre ficção e realidade como um quadro de referência. O texto literário é uma mistura de realidade e ficção e, como tal, provoca uma interação entre o dado e o imaginado (Iser, 1993, p. 01, tradução nossa).

atravessado por elas se torna tão intenso que não há necessidade de se deslocar.

A paisagem imaginada na obra de Fernandes (2006) vai remeter ao sujeito leitor que está envolvido na escritura a retomar ao lugar ficcional já estabelecido por ele mesmo, a partir do mito de lugar, criando, dessa maneira, imagens para então compor seu imaginário, podendo se “deslocar” do modo desejado, pois o caminho que se trilha por cada indivíduo é único, no sentido das possibilidades. Fernandes (2006, p. 99), descreve:

No ano seguinte à fundação, já se percebia que a Vila Thereza não era um pequeno amontoado de cabanas [...]. Dividiu-se perfeitamente a zona que ficariam as residências, com os quintais, com a frente, daquela onde seriam erigidos os estabelecimentos de uso comum [...].

É entre o lugar histórico inspiracional para Fernandes (2006) e o lugar imaginado construído por ele que se constrói a relação de um sentido de imaginação, do real e do imaginário, trabalhado por Iser (1999, p. 67), em que “a especificidade da literatura, o traço que a distingue como meio consiste no fato de que é produzida mediante uma fusão do fictício e do imaginário.”

De agora em diante, entende-se que o mito de lugar desenvolvido pelo leitor a partir do pensar a paisagem imaginada de Fernandes (2006) caminha em direção à capacidade individual de dar sentido ao mundo, mas um mundo particular, dando forma a um pensamento.

Sendo a paisagem uma “exegese da vinculação imagética do homem ao meio” (Araujo, Kunz, 2014, p. 94), o mito de lugar surge novamente com representações, sobretudo a partir de símbolos, pois a leitura do lugar e da paisagem dentro dessa perspectiva se dá

partir do sentido de imaginação, como Palhares (2018, p. 354), caracteriza:

A literatura cria diálogos possíveis com a geografia, tradicionalmente voltada para o exterior, para os aspectos visíveis do olhar. Assim, entre o mundo real, concreto e o mundo imaginário, nos deparamos com uma geografia interior, cuja “leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes” (Dardel, 2011, p. 5). O geógrafo se interessa pela essência de ser e estar no mundo, onde se sinta estreitamente ligado à Terra. Nesta perspectiva, podemos dizer que somos seres que se relacionam com o quem, o que e o onde.

Os símbolos e signos, assim como a literatura, criam diálogos possíveis com a Geografia, toma-se como exemplo os conceitos geográficos. No trabalho em tela, o ponto de partida vem com lugar, paisagem e percepções a partir de uma obra regional. Contudo, o diálogo é a partir de novas análises que aqui estão encaminhadas em direção da ficção e percepção.

Embora tenha-se arrolado no texto algumas definições de paisagem, segundo o trabalho dos geógrafos, se faz necessário também pensar a paisagem na poética. Em “Poética e Filosofia da Paisagem”, o poeta e professor de Literatura Francesa – Michel Collot (2013) destaca a paisagem como uma forma de pensamento. Neste trabalho, frisa-se que não é pensado a paisagem propriamente como a descrição de um espaço de ambientação da obra e ou do personagem, mas como uma forma de olhar, ver e ler o texto.

Em outro trabalho, Collot (2012) define 03 elementos para discutir o conceito de paisagem. Em primeiro lugar, a paisagem enquanto um “ponto de vista”, algo subjetivo, ou seja, a paisagem

imaginada da obra se revela como uma experiência, a partir da Literatura, afirmando que a experiência e o objeto são inseparáveis e: “salvaguardar a paisagem é uma forma de reivindicar o lugar do sujeito num espaço cada vez mais objetivado e objetivamente” (Collot, 2012, p. 13). O segundo elemento é caracterizado como “parte”, no sentido de que a paisagem oferece uma parte do todo, como já estabelecido, uma fração. Enquanto o terceiro elemento, apresentado como “conjunto”, “justamente porque não se dá para ver por completo, a paisagem se constitui como totalidade coerente” (Collot, 2012, p. 16).

Esta delimitação de acordo com o autor, irá preparar a paisagem para se tornar um quadro, pois entende-se que a Literatura e as obras levam o sujeito leitor a pensar em um começo e um fim de uma paisagem, sendo assim, além de ser imaginada, ela é percebida, portanto, só se fala de paisagem a partir de sua percepção (Collot, 2012).

Assim, o mito de lugar, dá-se dentro da perspectiva do lugar e da paisagem ou da ciência geográfica como um todo e demonstra um caminho de compreensões a partir do imaterial, pois entende-se que a partir da obra de Josué Corrêa Fernandes (2006) o leitor não acessa o lugar histórico, apenas o ficcional, dado pelo autor, tendo então a criação de imagens e símbolos acerca do lugar como um resultado inevitável.

Shields (1991) afirma que cada história demonstra uma nova centralidade com relação ao lugar e ao mito, determinando imagens de lugares e “[...] these images and stereotypes, na imaginary geography of places and spaces, are shown to have social

impacts wich are empiracally and located not Only at the level of individual proxemics¹¹” (Shields, 1991, p. 06).

E a partir da percepção aqui discutida e destacada, é no acontecimento de novas leituras que a centralidade do lugar e da paisagem irá mudar, sempre tendo como ponto de partida o mito de lugar e seus processos.

A literatura aqui é uma ponte necessária que liga a construção do conceito de Shields (1991) aos conceitos trabalhados neste estudo, o lugar ficcional se conecta ao mito a partir do sentido de imaginação construído pelo sujeito leitor, ao passo que partindo desta compreensão a paisagem se insere como um quadro, dando mais clareza ao sentido de lugar.

Considerações Finais

Para tanto, no presente trabalho destacou-se a partir do conceito de mito de lugar os modos pelos quais a paisagem e o conceito se tornam possíveis ao ato de leitura da obra proferida por geógrafos de formação. Neste complemento, gera-se a mudança no sentido da imaginação, pois as imagens estão passíveis de novas interpretações, tal qual a literatura e a ciência geográfica.

A pesquisa e a relação entre Geografia e Literatura remetem a reflexões complementares. A primeira é que a ideia deste trabalho não é esgotar as contribuições para a relação Geografia e Literatura, nem discussões com relação ao lugar e paisagem, mas caminhar na direção de ampliar estes diálogos, trazendo o conceito de Shields (1991) para o centro, juntamente com

11 Essas imagens e estereótipos, uma geografia imaginária de lugares e espaços, demonstram ter impactos sociais que são empíricos e localizados não apenas no nível da proxêmica individual (Shields, 1991, p. 06, tradução nossa).

as literaturas/epopeias regionais, apresentando novas experiências para a ciência geográfica e tendo como princípio do movimento o trânsito de conhecimentos mediados pela leitura de uma obra ficcional.

Assim, unindo a realidade e a ficção, surge uma interação que de acordo com Iser (1999), regula essa relação, através da possibilidade de serem aplicadas a diversos contextos dentro da literatura, onde Josué Corrêa Fernandes (2006) constrói um lugar imaginado e a partir do conceito de *place-myth* (Shields, 1991).

Dessa maneira, se compreende a possibilidade da utilização do conceito para um novo diálogo dentro da relação explorada, pois Fernandes (2006) desperta o interesse em descobrir mais sobre seu lugar imaginado, o que faz com que o caminho para novos trabalhos a respeito da sua obra se faça possível.

Também foi trabalhando a partir da ideia de narrativa que destacamos a importância do conceito de lugar no discurso geográfico e concomitantemente sua primazia de significados humanos direcionados pela linguagem. Não menos importante o exercício de transitar entre a Geografia e a Literatura demonstrou a potência do imaginário como dimensão do que se pode conceber como dimensão geográfica da realidade.

Referências

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. KUNZ, Sildemar Alves da Silva. O conceito de paisagem sgnica aplicado à geografia: mosaico de sentidos perpassados pelo cultural e subjetivo. *Revista Linguagem Acadêmica*. Batatais, v. 4, n. 2, p. 91-112, 2014. Disponível em: < <https://silo.tips/download/o-conceito-de-paisagem-signica-aplicado-a-geografia-mosaico-de-sentidos-perpassa> > Acesso em: 06 jul. 2022.

CLAVAL, Paul. A experiência humana na Terra: a abordagem cultural em Geografia. In: CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. p. 221-253.

COLLOT, Michael. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmen. ALVES, Ida. LEMOS, Masé. *Literatura e paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-28.

COLLOT, Michael. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Tradução: Ida Alves et. al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem e geografia. In: NEGREIROS, Carmen. ALVES, Ida. LEMOS, Masé (Orgs.). *Literatura e paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 29-43.

DURAN, Maria Renata da Cruz. BENTIVOGLIO, Julio. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. *Dimensões*, v. 30, p. 213-244, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/6162>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

FERNANDES, Josué Corrêa. *A saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí*. Curitiba: Sesquicentenário, 2006. 256 p.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. *Aproximações ao imaginário*: bússola de investigação poética. 2ª ed. São Paulo: FEUSP, 2020. Disponível em: <

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/453> > Acesso em: 11 de dez. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. *Espaço e Cultura*, nº 03, 1997. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708/4786> > Acesso em: 05 de março de 2021.

HOLZER, Werther. Geografia Humanista e as Humanidades: Por uma epistemologia fenomenológica. *Revista da ANPEGE*. v. 16. n. 31. p. 142-149. 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12303/pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Teoria da Ficção*: Indagações à Obra de Wolfgang Iser. Tradução: Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 65-77.

ISER, Wolfgang. *The fictive and the imaginary*: charting literary anthropology. The Johns Hopkins University Press, 1993.

MARQUES, Marcos Aurélio. Filosofia e linguagem: mediando geografia e literatura. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade*, v. 4. n. 01. p. 253-272. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PALHARES, Virgínia de Lima. Geografias Imaginadas: O mundo pelo olhar do outro. *Revista da ANPEGE*, v. 16. n. 31. p. 350-359, 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12303/pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PINTO, Júlio Pimentel. Lugares e memórias dos livros: bibliotecas reais e imaginárias. In: PINTO, Júlio Pimentel (Org.). *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 33-43.

PINTO, Júlio Pimentel. O lugar do leitor: do texto aberto aos protocolos de leitura. In: PINTO, Júlio Pimentel (Org.). *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 45-59.

SANTOS, Milton. Espaço geográfico, um híbrido. In: *A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 72-88.

SHIELDS, Rob. *Places on the Margin: alternative geographies of modernity*. Routledge, New York, 1991. 350 p.

SARMENTO, João. *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*. 2004. DOI: 10.13140/2.1.4996.1765.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. O que é uma geografia de lugar nenhum? In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: Eduel, 2010, p. 191-206.

SAVÉRIO SPOSITO, Eliseu; ANASTÁCIO ALVES DA SILVA, Késia. O sujeito na Geografia: uma proposta para pensar o espaço por meio de diferentes primas. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 22, n. 82, p. 173-190, 2021. DOI: 10.14393/RCG228255896. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55896>. Acesso em: 13 de jun. 2024.

SUZUKI, Júlio César. O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de ‘A Rosa do Povo’. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: Eduel, 2010. p. 243-256.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 262 p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015. 342 p.

Submetido em: 16 de abril de 2024

Devolvido para revisão em: 12 de junho de 2024

Aprovado em: 24 de junho de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3477

Como citar:

FERREIRA, B. A.; NABOZNY, A. O MITO DE LUGAR NA PERSPECTIVA DE LUGAR E PAISAGEM NARRADA NA OBRA “SAGA DA ESPERANÇA: SOCIALISMO UTÓPICO À BEIRA DO IVAÍ”, UMA INTERFACE ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA. **Terra Livre**, São Paulo, ano 39, v.1, n.62, jan.jun. 2024, p. 700-725. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3477>. Acesso em: dia/mês/ano.